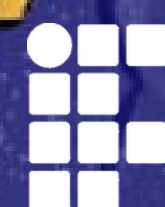


VOLUME I
IFMG CAMPUS PONTE NOVA
2021

NOSSOS DIREITOS EM MÚSICAS



INSTITUTO FEDERAL
Minas Gerais
Campus Avançado Ponte Nova

Nossas Direitas em Músicas

Organização:

Cássia do Carmo Pires Fernandes
Jáder Loures de Brito

Revisão técnica

Luciana Maroca de Avelar Viana
OAB/MG 73.596

Capa

Maria Helena Ribeiro

Volume I

IFMG Campus Ponte Nova

2021

Diretor Geral

Leonardo de Paiva Barbosa

Diretora de Ensino

Débora Pereira Martins

Chefe do Setor de Administração e Planejamento

Gustavo Reis de Moraes

Chefe do Setor de Pesquisa e Extensão

André Mendes

Chefe de Gabinete

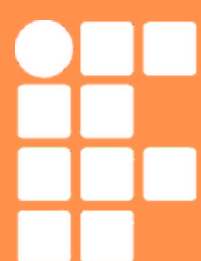
Ana Karina Guimarães de Oliveira Reis

Coordenador do curso de Administração

Leonardo Soares Barbosa

Coordenador do curso de Informática

Edson Batista de Sena



INSTITUTO FEDERAL

Minas Gerais

Campus Avançado Ponte Nova

www.ifmg.edu.br/pontenova

Praça José Emiliano Dias, 87 -

Centro, Ponte Nova - MG, 35430-034

APRESENTAÇÃO

Exercitando a imaginação pedagógica, especialmente no contexto imposto pela pandemia do novo Coronavírus que impactou na suspensão das atividades presenciais em todas as escolas do país, emergiu a ideia de ensinar Direito a partir de músicas, resultando neste e-book.

Como componente curricular do curso Técnico em Administração integrado ao ensino médio, a disciplina Noções de Direito é ministrada no 1º ano e, por sua natureza teórica, a princípio pode ser vista como engessada ao estudo frio de doutrinas e leis. Por isso, buscando aproximar os conteúdos da vida dos estudantes, as metodologias ativas possibilitaram comprometimento com o próprio processo de aprendizagem. Então, foi lançado o desafio para que relacionassem alguns ramos do direito a músicas de diferentes gêneros e artistas. As escolhas e análises foram de acordo com os interesses dos grupos de estudantes, contando com a orientação da professora responsável, Cássia Pires Fernandes. Ao se deparar com o conjunto de análises, a docente percebeu a importância de socializar o material como estratégia para dar visibilidade ao exercício intelectual dos estudantes e inspirar outras escolas a aproximar adolescentes e jovens dos seus direitos, utilizando para isso um caminho mais atrativo: a música!

Não é de hoje que a arte veicula as insatisfações políticas de maneira a instigar o pensamento de seus espectadores e ouvintes. A música é a engrenagem mais importante, pois pela construção harmônica ligada a letras potentes, deixa evidente a consternação social perante a violação ou negação de direitos. Neste presente trabalho, o foco musical traz clássicos do cancionário brasileiro das décadas de 1970 e 1980, período de uma ditadura cívico-militar no país, pulando direto para as músicas produzidas a partir da década de 2010, onde nesse período, manifestações e atitudes retrógradas voltaram à tona com intensidade, se fazendo urgente a produção e análise de músicas que rebatem os ocorridos caóticos da contemporaneidade.

Para fazer a revisão jurídica dos textos, convidamos a advogada, professora e mestre, Luciana Maroca de Avelar Viana, que possui vasta experiência e reconhecimento por sua atuação em diferentes áreas do direito, além de uma entusiasta da proposta de formação do IFMG. A ilustração da Capa é de autoria da talentosa Maria Helena Ribeiro, estudante do 3º ano do campus, apaixonada pela arte gráfica. Já para colaborar com a organização da obra na revisão artística e na diagramação, o convidado foi o jovem Jáder Loures de Brito, músico, poeta, graduando em Artes Cênicas pela Universidade Federal de Ouro Preto e ex-aluno do curso técnico integrado em Administração do IFMG Campus Ponte Nova.

Que a "trilha sonora" aqui reunida possa aproximar os "sujeitos" dos seus direitos, provocando reflexões e inspirando comportamentos socialmente justos e solidários!

Nosso agradecimento a cada estudante/autor e aos colaboradores deste primeiro volume de "Nossos direitos em músicas"!

Profª Cássia Pires Fernandes
Jáder Lourdes de Brito.

AUTORES

ALICE HELLEN DE SOUSA BRITES
ANA TEREZINHA SOARES RODRIGUES
ANNE TAVARES DE SOUZA PINTO
ARYANE SARA DE SOUZA SILVA GOMES
CAIO SILVA PAIVA BARBOSA
DANIEL TEIXEIRA PEDROSA
FELIPE DE OLIVEIRA FREITAS
FILIPE ALVES DE ANDRADE
GABRIELA LOPES BITARÃES RIBEIRO
HELENA MIGUEL BARRETO
HUGO VIEIRA DIAS
IASMIN LIZARDO DE OLIVEIRA
IGOR FUSCALDI GRANATO
IOLANDA MUCIDA FERRAZ
JOÃO PEDRO DA LUZ CÁSSIA
JÚLIA CAMINI HONÓRIO GOMES
JÚLIA MADEIRA MARTINS
KAIQUE DE FREITAS LIMA
LAURA MORETTI CUNHA
LEONARDO SOUSA CUPERTINO
LIVIA ARAUJO GUIMARAES
LORENA DEBORTOLI SILVA
LUCAS EMANUEL PEREIRA SOUZA LEITE
LUCAS MAROCA DE AVELAR VIANA
LUIZA SOUSA ROCHA
MARCELLI CALDEIRA GONCALVES HELNEQUES
MARCUS JUNIOR LATINI DUELLI
MARIA CLARA OSÓRIO MAGALHAES
MARIA EDUARDA CAPELETE DOS REIS
MAYSA MENDES CANUTO
RODRIGO GOMIDES PENA
ROMEU DOMINGOS LOURENÇO
SUEVILYN DE OLIVEIRA COSTA
THOMAZ ALVARENGA SOARES ZINATO
VITOR VIANA FIALHO GOMES
WILLIAN RIBEIRO DE ASSIS

SUMÁRIO

DIREITO CONSTITUCIONAL	6
ANÁLISE DA MÚSICA "QUE PAÍS É ESSE?"	7
ANÁLISE DA MÚSICA "FÁBRICA"	10
ANÁLISE DA MÚSICA "COTA NÃO É ESMOLA"	12
DIREITOS HUMANOS....	16
ANÁLISE DA MÚSICA "REABOLIÇÃO" ...	17
ANÁLISE DA MÚSICA "COMO NOSSOS PAIS"	19
ANÁLISE DA MÚSICA " ERA UMA VEZ"	21
ANÁLISE DA MÚSICA "RESPEITA AS MINA"	23
ANÁLISE DA MÚSICA "SEMENTES"	25
ANÁLISE DA MÚSICA "MANIFESTAÇÃO"	27
ANÁLISE DA MÚSICA "CÓLERA"	30
ANÁLISE DA MÚSICA "O CANTO DAS TRÊS RAÇAS"	33
ANÁLISE DA MÚSICA "DIÁRIO DE UM DETENTO"	35
DIREITO AMBIENTAL....	37
ANÁLISE DA MÚSICA "A OUTRA BANDA DA TERRA"	38
ANÁLISE DA MÚSICA "PANTANAL EM SILÊNCIO"	40
DIREITO TRIBUTÁRIO...	42
ANÁLISE DA MÚSICA "CHEGA" ...	43
REFERÊNCIAS...	46

**DIREITO
CONSTITUCIONAL**

QUE PAÍS É ESSE?

Autoria: Renato Russo (1978)

Nas favelas, no Senado
Sujeira pra todo lado
Ninguém respeita a
Constituição
Mas todos acreditam no futuro
da nação
Que país é esse?
Que país é esse?
Que país é esse?
No Amazonas, no Araguaia iá,iá
Na Baixada Fluminense
Mato Grosso, Minas Gerais
E no Nordeste tudo em paz
Na morte eu descanso
Mas o sangue anda solto
Manchando os papéis,
documentos fiéis
Ao descanso do patrão
Que país é esse?
Que país é esse?
Que país é esse?
Que país é esse?
Terceiro mundo, se for
Piada no exterior
Mas o Brasil vai ficar rico
Vamos faturar um milhão
Quando vendermos todas as
almas
Dos nossos índios num leilão
Que país é esse?
Que país é esse?
Que país é esse?
Que país é esse?



Imagem: Mauro Alencar Ilustrador

FÁBRICA

Autoria: Renato Russo (1986)

Nosso dia vai chegar
Teremos nossa vez
Não é pedir demais
Quero justiça
Quero trabalhar em paz
Não é muito o que lhe peço
Eu quero o trabalho honesto
Em vez de escravidão
Deve haver algum lugar
Onde o mais forte não
Consegue escravizar
Quem não tem chance
De onde vem a indiferença
Temperada a ferro e fogo?
Quem guarda os portões da fábrica?
O céu já foi azul, mas agora é cinza
E o que era verde aqui já não existe mais
Quem me dera acreditar
Que não acontece nada
De tanto brincar com fogo
Que venha o fogo então
Esse ar deixou minha vista cansada
Nada demais, Nada demais
Nada demais, Nada demais
Nada demais, Nada demais
Nada demais, Nada demais
Oh oh oh oh
Nada demais
Nada demais
Nada demais



Imagem : Kleber Sales

COTA NÃO É ESMOLA

Autoria: Bia Ferreira

Existe muita coisa que não te disseram na escola
Cota não é esmola
Experimenta nascer preto na favela pra você ver
O que rola com preto e pobre não aparece na TV
Opressão, humilhação, preconceito
A gente sabe como termina, quando começa desse jeito
Desde pequena fazendo o corre pra ajudar os pais
Cuida de criança, limpa casa, outras coisas mais
Deu meio dia, toma banho vai pra escola a pé
Não tem dinheiro pro busão
Sua mãe usou mais cedo pra poder comprar o pão
E já que tá cansada quer carona no busão
Mas como é preta, pobre, o motorista grita: Não!
E essa é só a primeira porta que se fecha
Não tem busão, já tá cansada, mas se apressa
Chega na escola, outro portão se fecha
Você demorou! Não vai entrar na aula de história
Espera, senta aí, já já dá uma hora
Espera mais um pouco e entra na segunda aula
E vê se não atrasa de novo, a diretora fala
Chega na sala, agora o sono vai batendo
E ela não vai dormir, devagarinho vai aprendendo que
Se a passagem é 3, 80 e você tem 3 na mão
Ela interrompe a professora e diz, 'então não vai ter pão'
E os amigos que riem dela todo dia
Riem mais e a humilham mais
O que você faria?
Ela cansou da humilhação e não quer mais escola
E no natal ela chorou, porque não ganhou uma bola
O tempo foi passando e ela foi crescendo
Agora lá na rua ela é a preta do sovaco fedorento
Que alisa o cabelo pra se sentir aceita
Mas não adianta nada, todo mundo a rejeita
Agora ela cresceu, quer muito estudar
Termina a escola, a apostila, ainda tem vestibular
E a boca seca, seca, nem um cuspe
Vai pagar a faculdade, porque preto e pobre não vai pra USP
Foi o que disse a professora que ensinava lá na escola
Que todos são iguais e que cota é esmola
Cansada de esmolos e sem o dim da faculdade
Ela ainda acorda cedo e limpa três apê no centro da cidade
Experimenta nascer preto, pobre na comunidade
Cê vai ver como são diferentes as oportunidades
E nem venha me dizer que isso é vitimismo
Não bota a culpa em mim pra encobrir o seu racismo!
E nem venha me dizer que isso é vitimismo
Que isso é vitimi, que isso é vitimi, que isso é vitimismo
E nem venha me dizer que isso é vitimismo
Não bote a culpa em mim pra encobrir o seu racismo!



E nem venha me dizer que isso é vitimismo
Que isso é vitimi, que isso é vitimi, que isso é vitimismo
São nações escravizadas, e culturas assassinadas
É a voz que ecoa do tambor
Chega junto, venha cá
Você também pode lutar, ei!
E aprender a respeitar

Porque o povo preto veio para revolucionar
Não deixe calar a nossa voz, não!
Não deixe calar a nossa voz, não!
Não deixe calar a nossa voz, não!
Revolução
Não deixe calar a nossa voz, não!
Não deixe calar a nossa voz, não!
Não deixe calar a nossa voz, não!

Revolução

Nascem milhares dos nossos cada vez que um nosso cai
Nascem milhares dos nossos cada vez que um nosso cai, é
Nascem milhares dos nossos cada vez que um nosso cai
Nascem milhares dos nossos cada vez que um nosso cai
E é peito aberto, espadachim do gueto, nigga samurai!

É peito aberto, espadachim do gueto, nigga
É peito aberto, espadachim do gueto, nigga
É peito aberto, espadachim do gueto, nigga
Peito aberto, espadachim do gueto, nigga samurai!
É peito aberto, espadachim do gueto, nigga
Aberto, espadachim do gueto, nigga
É peito aberto, espadachim do gueto, nigga
É peito aberto, espadachim do gueto, nigga samurai!

Vamo pro canto onde o relógio para
E no silêncio o coração dispara
Vamo reinar igual Zumbi, Dandara
Odara, Odara

Vamo pro canto onde o relógio para
No silêncio o coração dispara
Odara, Odara, ei!

Experimenta nascer preto, pobre na comunidade
Você vai ver como são diferentes as oportunidades
E nem venha me dizer que isso é vitimismo
Não bota a culpa em mim pra encobrir o seu racismo
Existe muita coisa que não te disseram na escola
Cota não é esmola! Cota não é esmola!
Cota não é esmola!

Eu disse: Cota não é esmola!
Cota não é esmola! Cota não é esmola!
Cota não é esmola!

São nações escravizadas e culturas assassinadas
É a voz que ecoa do tambor chega junto, venha cá
Você também pode lutar e aprender a respeitar
Porque o povo preto veio revolucionar
Cota não é esmola!



Imagem: Bia Ferreira

DIREITOS HUMANOS

REABOLIÇÃO

Compositor: Arthur Vinih

A gente não quer apenas
sobreviver
Quer viagens com a família
diversão e prazer
Um carro na garagem um
apartamento
Sem tijolos mofados e poeira de
cimento
A gente vai derrubar seu
argumento egoísta
Ter um bom celular não me faz
capitalista

Consciência de classe é a base
pra reconstrução
Inteligência na quebrada pra
fazer revolução
A sua meritocracia é pra inglês
ver
Sobre certos privilégios finge
não entender
Se o sistema fecha os olhos pra
situação

É porrada na estrutura é nossa
reabolição
Se liga no lugar de fala e não
diga o que não sabe dizer
O nosso povo não se cala e na
marra a gente te faz aprender
Preto pobre periférico com
diploma na mão
É porrada na estrutura é nossa reabolição.



Imagem: Arthur Vinih

Análise por: Willian Ribeiro de Assis

Eu escolhi a música Reabolição por ser de um artista de Ponte Nova, o Arthur Vinih, o que é legal de se fazer para valorizarmos o talento local. Além disso, estou dando voz a uma pessoa negra retratando a sua realidade, o que precisa sempre estar em pauta e ser refletido pelas pessoas.

Pode-se relacionar a música ao Artigo 2º, inciso I da Declaração Universal dos Direitos Humanos que reza: “Todo ser humano tem capacidade para gozar os direitos e as liberdades estabelecidos nesta Declaração, sem distinção de qualquer espécie, seja de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento, ou qualquer outra condição”, e também ao Artigo 3º, Incisos I, III e IV da Constituição Federal de 1988 ao determinar que “Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil: I – construir uma sociedade livre, justa e solidária; III – erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais; IV – promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação”.

Relacionando tais dispositivos legais com a música, o trecho “A gente não quer apenas sobreviver / Quer viagens com a família diversão e prazer/ Um carro na garagem um apartamento/ Sem tijolos mofados e poeira de cimento” fala sobre o direito de ter liberdade, acesso a bens e serviços e condições dignas de vida. No cenário que vivemos atualmente, parte significativa da população negra sobrevive ao sistema que explora sua força de trabalho de tal modo que não conseguem sair da situação de pobreza. Daí o manifesto de Arthur Vinih “não queremos apenas sobreviver”.

No restante da música, também se apresenta a visão fechada das pessoas privilegiadas a respeito dos “não privilegiados”, geralmente os negros. Na maioria dos casos, quem nasce branco num país racista como o Brasil não compreende o lugar de privilégios que ocupa na sociedade em relação às pessoas negras, o que gera indignação no eu-lírico e em grande parte dos brasileiros com traços africanos.

Portanto, ao proclamar “Consciência de classe é a base pra reconstrução/ Inteligência na quebrada pra fazer revolução” o autor convoca a um levante popular pela conscientização, relacionando o racismo ao problema da desigualdade social. Para isso acrescenta: “É porrada na estrutura é nossa reabolição/ O nosso povo não se cala e na marra a gente te faz aprender”.

Não apenas essa canção, mas a obra de Arthur Vinih tem ensinado muito para uma (nova) reabolição, contribuindo para que todos possam se aliar à luta antirracista, não apenas no discurso, mas com ações para que a Declaração Universal dos Direitos Humanos alcance a dimensão da realidade.

COMO NOSSOS PAIS
Compositor: Belchior

Não quero lhe falar
Meu grande amor
De coisas que aprendi
Nos discos
Quero lhe contar como eu vivi
E tudo o que aconteceu comigo

Viver é melhor que sonhar
E eu sei que o amor
É uma coisa boa
Mas também sei
Que qualquer canto
É menor do que a vida
De qualquer pessoa

Por isso cuidado, meu bem
Há perigo na esquina
Eles venceram e o sinal
Está fechado pra nós
Que somos jovens

Para abraçar seu irmão
E beijar sua menina na rua
É que se fez o seu braço
O seu lábio e a sua voz

Você me pergunta
Pela minha paixão
Digo que
estou encantada
Como uma
nova invenção

Eu vou ficar nesta cidade
Não vou voltar pro sertão
Pois vejo vir vindo no vento
Cheiro de nova estação
Eu sinto tudo na ferida viva
Do meu coração

Já faz tempo
Eu vi você na rua
Cabelo ao vento
Gente jovem reunida
Na parede da memória
Essa lembrança
É o quadro que dói mais

Minha dor é perceber
Que apesar de termos
Feito tudo o que fizemos
Ainda somos os mesmos
E vivemos
Ainda somos os mesmos
E vivemos
Como os nossos pais

Nossos ídolos
Ainda são os mesmos
E as aparências
Não enganam não
Você diz que depois deles
Não apareceu mais ninguém

Você pode até dizer
Que eu tô por fora
Ou então
Que eu tô inventando
Mas é você
Que ama o passado
E que não vê
É você que ama o passado
E que não vê
Que o novo sempre vem

Hoje eu sei
Que quem me deu a ideia
De uma nova consciência
E juventude
Está em casa
Guardado por Deus
Contando o vil metal

Minha dor é perceber
Que apesar de termos
Feito tudo, tudo
Tudo o que fizemos

Nós ainda somos
Os mesmos e vivemos
Ainda somos
Os mesmos e vivemos
Ainda somos
Os mesmos e vivemos
Como os nossos pais

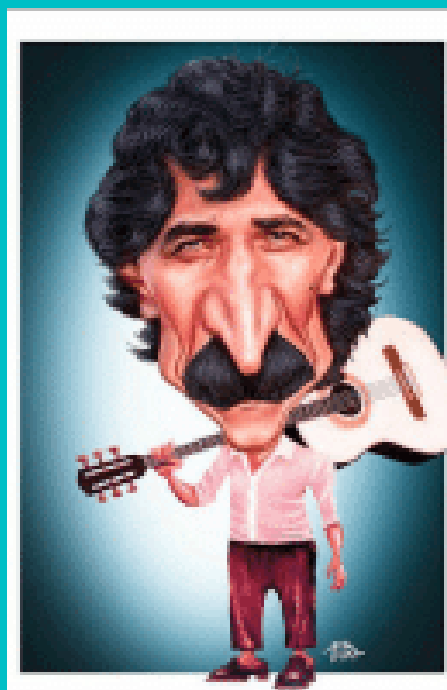


Imagem: internet.

Análise por: Anne Tavares, Igor Fuscaldi, Laura Moretti e Luiza Rocha

A música que escolhemos, a qual ficou conhecida na voz da brilhante Elis Regina, é quase um hino para nós brasileiros, tem uma importância cultural inestimável. Na letra da canção fica claro o desejo pela liberdade de expressão, uma obstinação desmedida de gritar e ser ouvida, exigindo o que qualquer humano tem direito: o de se expressar. A ira da letra é evidente e contagiante, logo, acreditamos que não fomos nós que escolhemos a música, ela nos escolheu. O autor aborda a importância de naquele momento - Ditadura Militar, 1964-1985 - falar sobre a dura realidade que batia na porta: um Estado antidemocrático ditatorial que, obviamente, impunha a censura para a população e controlava o que era publicado nos meios de comunicação.

“Mas também sei que qualquer canto
É menor do que a vida de qualquer pessoa
Por isso, cuidado, meu bem, há perigo na esquina”

É possível entender por meio desse trecho que pessoas estavam sendo executadas e exiladas por suas músicas, as quais se pronunciavam contra a situação vivida, muitas das vezes, conclamando a sociedade para fazer algo em relação a essa grave violação dos seus direitos.

“Para abraçar seu irmão e beijar sua menina na rua
É que se fez o seu braço, o seu lábio e a sua voz”

De forma implícita, aqui é expresso que tudo dado a nós é por algum motivo. Se temos braços devemos abraçar, se temos lábios devemos beijar, por conseguinte se temos pensamentos, ideias e voz devemos FALAR, nos expressar. Não devemos nos anular e perder o direito de nos manifestar. Como mencionamos, a música é do período da Ditadura Militar, época em que não só o direito a liberdade de expressão foi cerceado, como inúmeros outros. Muitos artistas se mobilizaram e com muita coragem escreveram letras de protesto. Esse período nos mostrou o quanto é essencial o indivíduo poder se expressar livremente, materializando suas emoções e pensamentos, promovendo o desenvolvimento humano. Devemos sempre lutar bravamente por esse direito garantido para nós pela Constituição Federal de 1988, especialmente no art. 5º, caput: “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade”, bem como, em seus incisos IV (liberdade de pensamento), IX (liberdade de expressão) e XIV (acesso à informação) e no art. 220, § 1º, também da C.R./88 (liberdade de informação propriamente dita). A ditadura se findou, mas infelizmente ainda são muitos desafios para garantir nossos direitos fundamentais, devido à intolerância e a falta de complacência para o bem-estar coletivo na construção de um país mais justo, democrático e solidário.

ERA UMA VEZ
Autoria: Kell Smith

O dia em que todo dia era bom
Delicioso gosto e o bom gosto
Das nuvens serem feitas de algodão
Dava pra ser herói
No mesmo dia em que escolhia ser vilão
E acabava tudo em lanche, um banho quente
E talvez um arranhão

Dava pra ver
A ingenuidade, a inocência cantando no tom
Milhões de mundos e universos tão reais
Quanto a nossa imaginação
Bastava um colo, um carinho
E o remédio era beijo e proteção
Tudo voltava a ser novo no outro dia
Sem muita preocupação

É que a gente quer crescer
E, quando cresce, quer voltar do início
Porque um joelho ralado
Dói bem menos que um coração partido

Dá pra viver
Mesmo depois de descobrir que o mundo ficou mau
É só não permitir que a maldade do mundo
Te pareça normal
Pra não perder a magia de acreditar
Na felicidade real
E entender que ela mora no caminho
E não no final

Era uma vez!



Imagem: Kell Smith.

Análise por: Iasmin Lizardo, Maria Eduarda Capelete e Suevillyn Costa

Escolhemos a música “Era uma vez”, de Kell Smith, pois além de ser uma música muito conhecida, fala sobre a infância, sobre como ela deve ser. Por citar uma infância divertida, repleta de brincadeiras onde a criança tem espaço para desenvolver melhor sua criatividade, onde a criança se sente amada e segura, possuem condições de higiene básica, comida, poder estudar ao invés de trabalhar.

O que apesar de parecer algo óbvio de ser proporcionado para terem uma base social mais estável, infelizmente não se encaixa na realidade de todas elas. Algumas crianças precisam trabalhar, pois, por causa da desigualdade social seus responsáveis não conseguem dinheiro suficiente para garantir a comida em casa, outras são abandonadas pelo pai que se recusa a pagar a pensão deixando a mãe e o filho sozinhos.

Sendo assim, relacionamos a música ao Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8.069, de 13 de julho de 1990), especialmente no artigo 4º que dispõe que: “É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária.

Parágrafo único. A garantia de prioridade compreende:

- a) primazia de receber proteção e socorro em quaisquer circunstâncias;
- b) precedência de atendimento nos serviços públicos ou de relevância pública;
- c) preferência na formulação e na execução das políticas sociais públicas;
- d) destinação privilegiada de recursos públicos nas áreas relacionadas com a proteção à infância e à juventude.”

Portanto, a música e o ECA se relacionam, pois ambos descrevem uma infância cercada cuidados, alegrias e várias experiências que podem e devem ser vividas por uma criança. Logo, percebemos que, os direitos fundamentais podem ser retratados em uma música, que por muitos passam despercebida.

RESPEITA AS MINA

Autoria: Keylla Cristina Dos Santos Batista (Kell Smith) / Ricardo Bonadio

Short, esmalte, saia, mini blusa, brinco, bota de camurça, e o batom?

'Tá combinando!

Uma deusa, louca, feiticeira, alma de guerreira
Sabe que sabe e já chega sambando

Calça o tênis, se tiver afim, toda toda Swag,
do hip hop ao reggae

Não faço pra buscar aprovação alheia
Se fosse pra te agradar a coisa 'tava feia
Então mais atenção, com a sua opinião

Quem entendeu levanta a mão
Respeita as mina

Toda essa produção não se limita a você
Já passou da hora de aprender

Que o corpo é nosso, nossas regras, nosso
direito de ser

Respeita as mina

Toda essa produção não se limita a você
Já passou da hora de aprender

Que o corpo é nosso, nossas regras, nosso
direito de ser

Sim respeito é bom, bom

Flores também são

Mas não quando são dadas só no dia 08/03

Comemoração não é bem a questão

Dá uma segurada e aprende outra vez

Saio e gasto um dim, sou feliz assim

Me viro, ganho menos e não perco um rolezin

'Cê fica em choque por saber que eu não sou
submissa

E quando eu tenho voz 'cê grita "ah lá a
feminista!"

Não aguenta pressão, arruma confusão

Para que 'tá feio, irmão!

Respeita as mina

Toda essa produção não se limita a você

Já passou da hora de aprender

Que o corpo é nosso, nossas regras, nosso
direito de ser

Respeita as mina

Toda essa produção não se limita a você

Já passou da hora de aprender

Que o corpo é nosso nossas regras, nosso
direito de ser

Não leva na maldade não, não

lutamos por inversão

Igualdade é o x da questão, então aumenta o
som

Em nome das Marias, Quitérias, da Penha Silva
Empoderadas, revolucionárias, ativistas

Deixem nossas meninas serem super heroínas

Pra que nasça uma Joana d'Arc por dia

Como diria Frida "eu não me Kahlo!"

Junto com o bonde saio pra luta e não me
abalo

O grito antes preso na garganta já não me
consume

É pra acabar com o machismo, e não pra
aniquilar os homens

Quero andar sozinha, porque a escolha é minha
Sem ser desrespeitada e assediada a cada

esquina

Que possa soar bem

Correr como uma menina, jogar como uma
menina

Dirigir como menina, ter a força de uma menina
Se não for por mim, mude por sua mãe ou filha

Respeita as mina

Toda essa produção não se limita a você

Já passou da hora de aprender

Que o corpo é nosso, nossas
regras, nosso direito de ser

Respeita as mina

Toda essa produção não se
limita a você

Já passou da hora de aprender

Que o corpo é nosso, nossas
regras, nosso direito de ser.



Imagem: Rick Bonadio.

Análise por: Ana Terezinha Soares Rodrigues, Iolanda Mucida Ferraz e Júlia Madeira Martins

Escolhemos essa música pelo fato dela abordar um assunto muito importante: o feminismo e o empoderamento feminino. Além disso, mostra a triste sociedade machista na qual estamos inseridas, onde a mulher é frequentemente alvo de preconceitos e exposta a situações perigosas, sendo “desrespeitada e assediada a cada esquina”.

No verso “Em nome das Marias, Quitérias, da Penha Silva” observamos uma referência à Maria da Penha, uma cearense que, em 1983, sofreu duas tentativas de assassinato por parte de seu marido, ficando paraplégica. Em 2006, após anos de luta dela e de várias outras feministas, a Lei 11.340, intitulada “Lei Maria da Penha” foi sancionada, em 07 de agosto e, tendo instituído mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, visa proteger a mulher desta violência doméstica e familiar.

Estabelece a Lei Maria da Penha , em seu art. 2º que “Toda mulher, independentemente de classe, raça, etnia, orientação sexual, renda, cultura, nível educacional, idade e religião, goza dos direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sendo-lhe asseguradas as oportunidades e facilidades para viver sem violência, preservar sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual e social.”, assim como é mencionado no refrão “Que o corpo é nosso, nossas regras, nosso direito de ser”.

Concluimos, então, que a representatividade e o empoderamento feminino são de suma importância para a sociedade, visto que contribuem para que os direitos da mulher não sejam violados e que ela seja respeitada, independente de onde ou como esteja. Tendo em vista o contexto machista no qual estamos inseridas, precisamos de mais Fridas, Joanas, Marias Quitérias e da Penha, para “Que possa soar bem/ Correr como uma menina/ Jogar como uma menina/ Dirigir como menina/ Ter a força de uma menina

SEMENTES

Autor: Emicida, Drik Barbosa e Thiago Jamelao

Se tem muita pressão
Não desenvolve a semente
É a mesma coisa com a gente
Que é pra ser gentil
Como flor é pra florir
Mas sem água, sol e tempo
Que botão vai se abrir?
É muito triste, muito cedo
É muito covarde
Cortar infâncias pela metade
Pra ser um adulto sem tumulto
Não existe atalho, em resumo
Crianças não têm trabalho, não, não, não
Não ao trabalho infantil
Desde cedo, 9 anos
Era um pingão de gente
Empurrado a fórceps pro batente
O bíceps dormente, a mão cheia de calo
Treme, não aguenta um lápis
No fundão de São Paulo (putz)
Se a alma rebelde se quer domesticar
Menina preta perde infância, vira doméstica
Amontoados ao relento, sem poder se esticar
Um baobá vira um bonsai, é só assim pra explicar
Que o nosso povo nas periferia
Precisa encher suas panela vazia
Dignidade é dignidade, não se negocia
Porque essa troca leva infância, devolve apatia
E é pior na pandemia
Sobra ferida na alma, uma coleção de trauma
Fora a parte física e nós já tá na crítica
Pra que o nosso futuro não chore
A urgência é: precisamos ser melhores, viu?
Se tem muita pressão
Não desenvolve a semente
É a mesma coisa com a gente
Que é pra ser gentil
Como flor é pra florir
Mas sem água, sol e tempo
Que botão vai se abrir?
É muito triste, muito cedo
É muito covarde
Cortar infâncias pela metade
Pra ser um adulto sem tumulto
Não existe atalho, em resumo
Crianças não têm trabalho, não, não
Crianças não têm trabalho, não
Não ao trabalho infantil

Com oito ela limpa casa de família
Em troca de comida
Mas só queria brincar de adoleta
Sua vontade esconde-esconde
Já que a sociedade pega-pega
Sua liberdade e transforma em tristeza
Repetiu na escola por falta
Ele quer ir mas não pode
Desigualdade é presente
E tira seus direitos sem escolha
Trabalha ou rouba pra viver
Sistema algoz, que o arrancou da escola
E colocou pra vender bala nos faróis
Sobra ferida na alma, uma coleção de trauma
Fora a parte física e nós já tá na crítica
Pra que o nosso futuro não chore
A urgência é: precisamos ser melhores, viu?
Se tem muita pressão
Não desenvolve a semente
É a mesma coisa com a gente
Que é pra ser gentil
Como flor é pra florir
Mas sem água, sol e tempo
Que botão vai se abrir?
Em maioria, jovens pretos de periferia
Que tem direito a vida plena
Mas só conhece o que vivencia
Insegurança, violência e medo
Trabalho infantil é um crime
E tem cor e endereço
Prioridade nossa
É assegurar que cresçam e floresçam
Alimentar a potência delas
A liberdade delas não tem preço
Merecem o mundo como um jardim
E não como uma cela
Se tem muita pressão
Não desenvolve a semente, não
É a mesma coisa com a gente
Que é pra ser gentil
Como flor é pra florir
Mas sem água, sol e tempo
Que botão vai se abrir? (Me diz)
É muito triste, muito cedo
É muito covarde (muito)
Cortar infâncias pela metade (é quente)
Pra ser um adulto sem tumulto
Não existe atalho, em resumo (diz)
Crianças não têm trabalho, não, não
Não, crianças não têm trabalho, não
Apenas não ao trabalho infantil

Análise por: Romeu Domingos Lourenço, Felipe de Oliveira e João Pedro Da Luz

O primeiro contanto com a música já despertou no grupo um sentimento de revolta, pois nosso pensamento vai totalmente contra o trabalho infantil. Nosso entendimento é de que qualquer tipo de trabalho infantil deve ser proibido, incluindo as crianças que trabalham em emissoras de televisão.

Podemos relacionar a música com o Estatuto da Criança e do Adolescente, também chamado de ECA (Lei 8.069 de 1990) o qual determina em seu art. 60 que “É proibido qualquer trabalho a menores de quatorze anos de idade, salvo na condição de aprendiz”. Os compositores Emicida e Drik Barbosa se inspiraram no ECA e gravaram a canção para a campanha nacional de combate ao trabalho infantil realizada pelo Ministério Público do Trabalho (MPT), em parceria com a Justiça do Trabalho, a Organização Internacional do Trabalho (OIT) e o Fórum Nacional de Prevenção e Erradicação do Trabalho Infantil (FNPETI). Outros trechos da música fazem mais referências ao trabalho infantil: “Desde cedo, nove anos, era um pingão de gente/ Empurrado a fórceps, pro batente/ O bíceps dormente, a mão cheia de calo Treme, não aguenta um lápis, no fundão de São Paulo (puts)/Com oito ela limpa casa de família, em troca de comida”.

A música traz à tona um assunto que não é muito falado, mas acontece a todo momento. O trabalho infantil é um crime que infelizmente faz parte da nossa realidade. Como a música relata, as crianças que estão trabalhando não têm escolha uma vez que precisam parar de ir à escola para trabalhar, as vezes em troca de comida. Já no refrão diz, “se tem muita pressão não desenvolve a semente, é a mesma coisa com a gente”, ou seja, a infância da criança precisa ser vivida, ela precisa ser criança e se desenvolver.



MANIFESTAÇÃO

Autoria: Xuxa Levy, Russo Passapusso e Rincon Sapiência, com letra de Carlos Rennó.

Aqui 'estamos na avenida pelas ruas, pela vida
Marchando com o cortejo que flui horizontalmente
Manifestando o desejo de uma cidade includente
E uma nação cidadã traduzido numa canção
Numa sentença, num mantra num grito ou numa
oração

Por todo jovem negro que é caçado
Pela polícia na periferia
Por todo pobre criminalizado
Só por ser pobre, por pobre fobia
Por todo povo índio que é expulso
Da sua terra por um ruralista
Pela mulher que é vítima do impulso
Covarde e violento de um machista
Por todo irmão do Senegal, de Angola
E lá do Congo aqui refugiado
Pelo menor de idade sem escola
A se formar no crime condenado
Por todo professor da rede pública
Mal-pago e maltratado pelo Estado
Pelo mendigo roto em cada súplica
Por todo casal gay discriminado
E proclamamos que não
Se exclua ninguém senão
A Exclusão aqui 'estamos nós de volta
Sob o signo da revolta
Por uma vida mais digna
E por um mundo mais justo
Com quem já não se resigna
E se opõe sem nenhum susto
A uma classe dominante
Hostil à população numa ação dignificante
Que nasce da indignação
Por todo homem algemado ao poste
Tal qual seu ancestral posto no tronco
E o jovem que protesta até que o prostre
O tiro besta de um PM bronco
Por todo morador de rua, sem saída
Tratado como lixo sob a ponte
Por toda a vida que foi destruída
Em Mariana ou no Xingu, por Belo Monte
Por toda vítima de cada enchente
De cada seca dura e duradoura
Por todo escravo ou seu equivalente
Pela criança que labuta na lavoura
Por todo pai ou mãe de santo atacada
Por quem exclui quem crê num outro Deus
Por toda mãe guerreira, abandonada



Imagem: Rincon Sapiencia

Que cria sem o pai os filhos seus
E proclamamos que não
Se exclua nada nem ninguém senão
A exclusão, eis aqui a face escrota
De um modelo que se esgota
Policiais não defendem
Políticos não contentam
Uns nos agridem ou prendem
Outros não nos representam
E aquele que não é títere
E é rebelde coração
Vai no zapp, no Face, no Twitter e
Combina um ato ou ação
Por todo defensor da natureza
E todo ambientalista ameaçado
E cada vítima de bullying indefesa
E cada transexual crucificado
E cada puta, cada travesti
E cada louco, e cada craqueiro
E cada imigrante do Haiti
E cada quilombola e beiradeio
Pelo trabalhador sem moradia
Pelo sem-terra e pelo sem-trabalho
Pelos que passam séculos ao dia
Em conduções que cansam pra caralho
Pela empregada que batalha, e como
Tal como no Sudeste o nordestino
E a órfã sem pais hetero nem homo
E a morta num aborto clandestino
Impelidos pelos ventos
Dos acontecimentos
Louvamos os mais diversos
Movimentos libertários
Numa cascata de versos
Sociais e solidários
Duma canção de protesto
Qual “Canção de Redenção”
Uma canção-manifesto
Canção “Manifestação”
Por todo ser humano ou animal
Tratado com desumanidade
Por todo ser da mata ou vegetal
Que já foi abatido ou inda há-de
Por toda pobre mãe de um inocente
Executado em noite de chacina
Por todo preso preso injustamente
Executado em noite de chacina
Por todo preso preso injustamente
Ou onde preso e preso se assassina
Pelo ativista de direitos perseguido
E o policial fodido igual quem ele algema
Pelo neguinho da favela inibido



Imagem: Xuxa Levy

Análise por: Aryane Sarah, Hugo Dias e Lorena Debortoli

Nós escolhemos essa música, pois traz uma reflexão a respeito dos nossos direitos e a falta deles. Também a letra é muito bonita, aborda a verdade que alguns não acreditam ou não conseguem enxergá-la. Fala sobre como o mundo não é só cor de rosa e tem muitas outras cores.

Iniciando este trabalho uma das primeiras coisas que fizemos foi ter em mãos a Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH) para uma análise fundamentada. Observamos que a DECLARAÇÃO se encaixava na música selecionada, no entanto, o art. 2º é provavelmente o mais pertinente:

Art. 2º. I - Todo ser humano tem capacidade para gozar os direitos e as liberdades estabelecidos nesta Declaração, sem distinção de qualquer espécie, seja de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento, ou qualquer outra condição.

II - Não será também feita nenhuma distinção fundada na condição política, jurídica ou internacional do país ou território a que pertença uma pessoa, quer se trate de um território independente, sob tutela, sem governo próprio, quer sujeito a qualquer outra limitação de soberania.

“E proclamamos que não se exclua ninguém, senão a exclusão” é o refrão da música que escolhemos, e é isso que esse artigo aborda: o direito de todo ser humano de ser incluído sem sofrer nenhuma distinção pelo fato de ser quem ele é. A letra da canção como um todo é um grito para que a sociedade dê voz aos oprimidos que muitas vezes são deixados a margem de seus direitos básicos, excluídos da sociedade de alguma forma. Ela aborda diversos exemplos onde as necessidades para que a vida humana simplesmente prossiga são deixadas de lado, e que os Direitos Humanos acabam desrespeitados.

Para finalizar devemos ressaltar que os Direitos Humanos são universais e são estabelecidos para toda a população se tornando essencial justamente pelo motivo de igualar todas as pessoas não importando classe social, raça, nacionalidade, religião, entre outras características que diferem a população, mas que perante a lei, todos são iguais e devem ser tratados da mesma maneira.

Porém, é justamente o contrário que a música retrata: professor que não recebe um salário digno, refugiado sem apoio, criança sem escola, pessoas sem teto, LGBTQIA+ violentados... Todos deveriam ser tratados com dignidade, porém estão desamparados e abandonados.



Imagem: Redson Colera.

CÓLERA

Autoria: Redson

Oh ooh ooh, oh
Oh ooh ooh, oh
Oh ooh ooh, oh
Oh ooh ooh, oh
Oh ooh ooh, oh
Oh ooh

Quando eu passo, a noite nas esquinas
Esperando, um ônibus que nunca vem

Vejo mulheres prostituídas

Tento imaginar porquê

Vejo moleques rasgados, perdidos

Não tem um amigo, mas porquê?

Dê uma olhada pra estas vidas

Dê uma olhada pra estas vidas

Onde estão, onde estão

Os direitos
de viver?

Onde estão,

onde estão

Os direitos
de viver?

Eu me lembro, falam na declaração

Que nascemos, livres, livres por iguais

Mas não entendo se escolhemos

Ou se alguém
escolheu por nós

Não está

certo, alguns tão ricos

Outros não

têm nem um amigo

Dê uma

olhada pra estas vidas

Dê uma

olhada pra estas vidas

Onde estão,

onde estão Os direitos de viver?

Onde estão, onde estão Os direitos de viver?

Oh ooh ooh, oh oh ooh

Ooh, oh oh ooh ooh, oh

Oh ooh ooh, oh oh ooh

Ooh, oh oh ooh ooh, oh

Dê uma olhada pra estas vidas

Dê uma olhada pra estas vidas

Dê uma olhada pra estas vidas

Dê uma olhada pra estas vidas

Onde estão

Análise por: Alice Héllen de Sousa Brites, Lívia Araújo Guimarães, Marcelli Caldeira Gonçalves Helneques e Maria Clara Osório Magalhães.

A música nos chamou a atenção por promover em nós um momento reflexivo. Nos versos, “Dê uma olhada pra estas vidas”, “Onde estão, onde estão Os direitos de viver?”, é possível perceber que o compositor deseja atingir o público a partir do questionamento. A desigualdade social é destacada nos versos “Não está certo, alguns tão ricos. Outros não têm nem um amigo”, o que gera grande comoção. É uma música que nos faz repensar conceitos e ideias, que aborda temas pertinentes e nos faz refletir sobre as tantas injustiças presentes na sociedade que estamos inseridos.

Relacionamos a música aos seguintes artigos da Declaração Universal dos Direitos Humanos:

Artigo 1º - Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos. Dotados de razão e de consciência, devem agir uns para com os outros em espírito de fraternidade.

Artigo 3º - Todo indivíduo tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal.

Artigo 7º - Todos são iguais perante a lei e, sem distinção, têm direito a igual proteção da lei. Todos têm direito a proteção igual contra qualquer discriminação que viole a presente Declaração e contra qualquer incitamento a tal discriminação.

Artigo 25º - 1. Toda a pessoa tem direito a um nível de vida suficiente para lhe assegurar e à sua família a saúde e o bem-estar, principalmente quanto à alimentação, ao vestuário, ao alojamento, à assistência médica e ainda quanto os serviços sociais necessários, e tem direito à segurança no desemprego, na doença, na invalidez, na viuvez, na velhice ou noutros casos de perda de meios de subsistência por circunstâncias independentes da sua vontade.

Artigo 26º - 1. Toda a pessoa tem direito à educação. A educação deve ser gratuita, pelo menos a correspondente ao ensino elementar fundamental. O ensino elementar é obrigatório. O ensino técnico e profissional dever ser generalizado; o acesso aos estudos superiores deve estar aberto a todos em plena igualdade, em função do seu mérito.

A música se refere aos Direitos Humanos e retrata em sua letra como muitos desses direitos são violados a cada dia, e lamentavelmente a sociedade está se acostumando a isso. Analisando-se a Declaração Universal dos Direitos Humanos, constata-se que o artigo 1º. diz que todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos, e o artigo 7º. que todos são igual perante a lei e tem proteção contra qualquer discriminação. Porém, em um trecho da música o autor faz uma crítica: “Eu me lembro, falam na declaração; Que nascemos, livres, livres por iguais; Mas não entendo se escolhemos; Ou se alguém escolheu por nós; Não está certo, alguns tão ricos; Outros não têm nenhum amigo”. Sabemos que não é porque algo está escrito em lei que será cumprido, visto que vivemos em um país de tamanha desigualdade social onde a condição financeira, a cor da pele, entre outros, se impõe a lei. Com isso, nem todo ser humano consegue viver como preconiza a DUDH.

“Dê uma olhada pra estas vidas; Onde estão, onde estão os direitos de viver? ” Ao fazer esse questionamento, o autor se refere à violação do artigo 3º. Da mencionada Declaração dos Direitos Humanos, que estabelece que todo indivíduo tem direito à vida, liberdade e a segurança pessoal.

Portanto, todas as pessoas têm o direito de viver e devem exercê-lo enquanto ser humano. Ao escrever a música, a banda também critica a falta de acesso a escolas no país: “Vejo moleques rasgados, perdidos”, o que, como diz o artigo 26 da mesma declaração, é um direito que pertence a todos, assim como prevê o seu artigo 25 que reforça a ausência de assistência, no que diz respeito à saúde, alimentação, vestuário e alojamento deixando muitas pessoas à mercê e sem condições de uma vida digna.

A música revela também o alto índice da desigualdade social no mundo, nos mostrando os a diversidade que podemos encontrar nas ruas: “Vejo mulheres prostituídas/ Tento imaginar porquê/ Vejo moleques rasgados, perdidos/Não tem um amigo, mas porquê?”. São milhares de pessoas invisíveis para a sociedade e para os governos e que necessitam de assistência por parte do Estado para ter uma vida digna, saudável e tranquila. Por isso, “Dê uma olhada pra estas vidas”.

CANTO DAS TRÊS RAÇAS (1974)
Autoria: Mauro Duarte / Paulo César Pinheiro

Ninguém ouviu
Um soluçar de dor
No canto do Brasil
Um lamento triste
Sempre ecoou
Desde que o índio guerreiro
Foi pro cativoiro
E de lá cantou
Negro entoou
Um canto de revolta pelos ares
No Quilombo dos Palmares
Onde se refugiou
Fora a luta dos Inconfidentes
Pela quebra das correntes
Nada adiantou
E de guerra em paz
De paz em guerra
Todo o povo dessa terra
Quando pode cantar
Canta de dor
Ô, ô, ô, ô, ô, ô
Ô, ô, ô, ô, ô, ô
Ô, ô, ô, ô, ô, ô
Ô, ô, ô, ô, ô, ô
E ecoa noite e dia
É ensurdecidor
Ai, mas que agonia
O canto do trabalhador
Esse canto que devia
Ser um canto de alegria
Soa apenas
Como um soluçar de dor.



Imagem: Wilton Montenegro

Análise por: Daniel Teixeira

Eu escolhi essa música porque sempre a achei muito interessante e me faz lembrar quando estudei o período de 1700 -1800 da história do nosso país. Ela traz muitas críticas e narra situações cruéis que aconteceram no desdobrar da história brasileira.

A letra da canção fala sobre a formação do povo brasileiro a partir de três raças: o branco, o negro e o índio. Escravos fugindo e resistindo nos quilombos, índios sendo exterminados, ambos sendo explorados pelo branco europeu.

A escravidão no Brasil foi extinta desde 13 de maio de 1888, quando a princesa Isabel assinou a Lei Áurea. Contudo, não foi suficiente para “libertar” o povo negro da opressão, do preconceito e da desigualdade socioeconômica.

O Art. 243 da Constituição Federal (1988) trata da proibição do trabalho escravo, por isso fiz essa relação com a música. Art. 243 -As propriedades rurais e urbanas de qualquer região do País onde forem localizadas culturas ilegais de plantas psicotrópicas ou a exploração de trabalho escravo na forma da lei serão expropriadas e destinadas à reforma agrária e a programas de habitação popular, sem qualquer indenização ao proprietário e sem prejuízo de outras sanções previstas em lei, observado, no que couber, o disposto no art. 5º.

Essa música toca meu coração desde 2018 quando a escutei pela primeira vez, tão única e linda, pena que não é muito conhecida na atualidade pela minha geração.

DIÁRIO DE UM DETENTO

Autoria: Jocenir Prado / Mano Brown

São Paulo, dia 1º de Outubro de 1992, oito horas da manhã

Aqui estou, mais um dia

Sob o olhar sanguinário do vigia

Você não sabe como é caminhar com a cabeça na mira de uma HK

Metralhadora alemã ou de Israel

Estraçalha ladrão que nem papel

Na muralha, em pé, mais um cidadão José

Servindo o Estado, um PM bom

Passa fome, metido a Charles Bronson

Ele sabe o que eu desejo

Sabe o que eu penso

O dia tá chuvoso, o clima tá tenso

Vários tentaram fugir, eu também quero

Mas de um a cem, a minha chance é zero

Será que Deus ouviu minha oração?

Será que o juiz aceitou a apelação?

Mando um recado lá pro meu irmão

Se tiver usando droga, tá ruim na minha mão

Ele ainda tá com aquela mina

Pode crer, moleque é gente fina

Tirei um dia a menos ou um dia a mais, sei lá

Tanto faz, os dias são iguais

Acendo um cigarro, e vejo o dia passar

Mato o tempo pra ele não me matar

Homem é homem, mulher é mulher

Estuprador é diferente, né?

Toma soco toda hora, ajoelha e beija os pés

E sangra até morrer na rua 10

Cada detento uma mãe, uma crença

Cada crime uma sentença

Cada sentença um motivo, uma história de lágrima

Sangue, vidas inglórias, abandono, miséria, ódio

Sufrimento, desprezo, desilusão, ação do tempo

Misture bem essa química

Pronto, eis um novo detento

Lamentos no corredor, na cela, no pátio

Ao redor do campo, em todos os cantos

Mas eu conheço o sistema, meu irmão, hã

Aqui não tem santo

Rátátátá preciso evitar

Que um safado faça minha mãe chorar

Minha palavra de honra me protege

Pra viver no país das calças bege

Tic, tac, ainda é 9 e 40

O relógio da cadeia anda em câmera lenta



Imagem: Dayran Dornelles

Análise por: Rodrigo Gomides e Lucas Emanuel

A escolha da música foi porque ela critica a ausência de direitos humanos na realidade diária de um detento. Essa letra também remete ao massacre do Carandiru, uma chacina que ocorreu no Brasil em 2 de outubro de 1992, quando uma intervenção da Polícia Militar do Estado de São Paulo, para conter uma rebelião na Casa de Detenção de São Paulo, causou a morte de 111 detentos, que é claramente um desrespeito aos direitos humanos. A letra da música foi escrita por Jocenir Prado, um dos sobreviventes do massacre, e entregue ao Mano Brown do Racionais MC's que a transformou em música.

A Constituição Federal de 1988, no título II que trata dos Direitos e Garantias Fundamentais, dispõe em seu artigo 5º, que “ninguém será submetido a tortura nem a tratamento desumano ou degradante” (inciso III) e no inciso XLIX estabelece que “é assegurado aos presos o respeito à integridade física e moral”. A letra de Diário de um Detento tem relação contrária com a Constituição, pois mostra que na realidade de um detento não são garantidos alguns desses direitos.

Então, concluímos que a letra denuncia o caos do sistema penitenciário brasileiro, onde a população carcerária é submetida a situações de sofrimento diário, o que não consta na lei.

DIREITO AMBIENTAL

A OUTRA BANDA DA TERRA

Autoria: Caetano Veloso

Amar
Dar tudo
Não ter medo
Tocar, Cantar
No mundo
Pôr o dedo
No lá, Lugar
Ligar gente
Lançar sentido
Onda branda da guerra
Beira do ar
Serra, vale, mar
Nossa banda da terra é outra
E não erra quem anda
Nessa terra da banda
Face oculta, azul do
araçá
Falar verdade
Ter vontade
Topar, entrar na vida
Com a música
Obá, olá Brasil
'Ta que o pariu
Que gente!
Cantuária e Holanda
Maputo, Rio
Luanda, lua
Nossa banda da terra é outra
Canadá, Jamaicuba
Muitas gatas na tuba
Dos rapazes da banda cá
Gozar, a lida
Indefinidamente
Amar



Imagem: Carlos Cardoso

Análise por: Vitor Viana Fialho Gomes e Kaique Freitas Lima

Escolhemos esta música pelo fato de Caetano mostrar nela o amor que o ser humano tem que ter pela terra. Acreditamos que mesmo depois de muitos anos esta música está presente em nosso dia a dia.

A Lei n. 9.433 de 08/01/1997, denominada Lei Recursos Hídricos, instituí a Política Nacional e o Sistema Nacional de Recursos Hídricos. Em seu artigo 1º., incisos I, II e IV, tal lei define a água como recurso natural limitado, dotado de valor econômico, que pode ter usos múltiplos - consumo humano, produção de energia, transporte, lançamento de esgotos. A lei prevê também em seu artigo 30, inciso III, a criação do Sistema Nacional de Informação sobre Recursos Hídricos para a coleta, tratamento, armazenamento e recuperação de informações sobre recursos hídricos e fatores intervenientes em sua gestão. Já o novo Código Florestal Brasileiro, instituído pela Lei Federal n.: 12.651 de 25/05/2012 dispõe sobre a proteção da vegetação nativa, tendo revogado o Código Florestal Brasileiro de 1965. Desde a década de 1990, a proposta de reforma do Código Florestal suscitou polêmica entre ruralistas e ambientalistas. Por fim, a Lei dos Crimes Ambientais, Lei Federal número 9.605 de 12/02/1998 foi a responsável pela reordenação da legislação ambiental brasileira no que se refere às infrações e punições relacionadas a condutas ilícitas ligadas à proteção do Meio Ambiente. Dentre várias inovações e determinações, destaca-se, por exemplo, a possibilidade de penalização das pessoas jurídicas no caso de prática de condutas que caracterizem crimes ambientais instituídos e regulamentados pela própria lei.

Tais leis representam vitórias da natureza sobre os exploradores e empresas poluidoras, e na música essa beleza natural é extremamente representada “Beira do ar Serra, vale, mar” é isso que as leis defendem. São conquistas do Direito Ambiental, de pessoas que se importam e lutam pela diversidade vegetal e animal do planeta.

Nesta música conseguimos identificar várias formas que o autor tenta nos dar o alerta de que precisamos dar mais atenção para a terra, amá-la, assim não somente esta música como outras tentam nos dar este alerta e precisaremos perceber o mais rápido possível para tentar solucioná-lo.

A falta de cuidado com o Brasil tem resultado em tragédias ambientais cruéis, que mesmo após as leis de proteção e pessoas lutando pela causa ambiental, ainda prevalece a injustiça pelo poder do dinheiro.

PANTANAL EM SILÊNCIO

Autoria: Aral Cardoso

E por esse caminho que eu traço
No meio do mato, deixando um sinal
Vou seguindo meu velho destino
Que sempre me leva para o Pantanal
Deixo o rancho já quase tapera
E vou me atolando nesse lamaçal
Pra buscar, nesse mundo de Deus
O sentido da vida no meu Pantanal
Eh Pantanal! Sonho infinito
Do caboclo caipira, tocando a boiada
Soltando seu grito
Eh Pantanal! Dos jacarés
Que vão morrendo em silêncio
Na beira das águas, entre os aguapés

Onça pintada, arara, tucano, bugio
Tatú, tamanduá
Vão seguindo no meio da mata
O caminho da faca
Do homem que mata
Eh Pantanal! Sonho infinito
Do caboclo caipira, tocando a boiada
Soltando seu grito
Eh Pantanal!
Dos jacarés
Que vão morrendo em silêncio
Na beira das águas, entre os aguapés
E por esse caminho que traço
No meio do mato, deixando um sinal
Vou cantando o lamento tristonho
Dos bichos que morrem pelo Pantanal



Imagem: Marcos Vergueiro

Análise por: Leonardo Sousa Cupertino, Marcus Júnior Latini Duelli e Thomaz Alvarenga Soares Zinato

Ao analisarmos a letra de Pantanal em Silêncio decidimos que seria a melhor opção, já que o ramo direito ambiental surgiu justamente devido à agressão desenfreada ao meio ambiente, visando a procura por soluções sustentáveis.

O Art. 225, §1º, da Constituição Federal de 1988 determina que incumbe ao poder público: “Controlar a produção, a comercialização e o emprego de técnicas, métodos e substâncias que comportem risco para a vida, a qualidade de vida e ao meio ambiente” (inciso V). Todavia, o tráfico de animais no Brasil tira por ano 38 milhões de bichos das florestas e a música retrata bem isso quando apresenta o nome de algumas espécies que são exterminadas pelo homem no bioma pantaneiro.

O principal interesse por trás disto é, obviamente, o lucro. O agravante é que fica clara a ineficiência do poder público ao não cumprir seu dever constitucional de controlar os métodos que coloquem em risco o meio ambiente. Também na música encontramos o lamento de um pantaneiro que vê seu lar se acabando diante dos seus olhos sem que ele possa fazer nada e sem nenhum amparo do Estado.

No complexo do Pantanal, homem e natureza são obrigados a coexistir, a música é um reflexo da visão do homem pantaneiro ao ver os animais nativos daquela região desaparecerem. O pantaneiro, como a própria música diz, tem zelo com o ambiente em que vive, é o “sonho do caboclo caipira”, ele só quer criar seu gado, sem afetar a natureza. O artigo 225 da Constituição prevê que “Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao poder público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações” – e também exige que aquelas pessoas que causam mal à fauna e a flora sejam penalizados.

A música trata do Pantanal e dos problemas ambientais que o atingem e a análise dessa canção coincidiu com a situação das queimadas devastadoras que estão destruindo sua biodiversidade em 2020. Devemos reivindicar do poder público o combate ao desmatamento, às queimadas, a caça de animais silvestres não apenas por se tratarem de crimes, mas pelo elevado impacto ambiental. A Constituição/1988 promoveu o Pantanal a Patrimônio Nacional, nos termos do seu artigo 225, § 4º e esperamos que seja efetivamente preservado para que o lamento do pantaneiro em um bioma brutalmente silenciado se transforme novamente em vida.

**DIREITO
TRIBUTÁRIO**

CHEGA

Autoria: Gabriel O pensador

Chega! Que mundo é esse?

Eu me pergunto!

Chega!

Quero sorrir, mudar de assunto!

Falar de coisa boa

Mas na minha alma ecoa

Agora um grito

E eu acredito que você vai gritar junto!

Chega!

Que mundo é esse?

Eu me pergunto!

Chega!

Quero sorrir, mudar de assunto!

Falar de coisa boa

Mas na minha alma ecoa

Agora um grito

E eu acredito que você vai gritar junto!

A gente é saco de pancada

Há muito tempo e aceita

Porrada da esquerda

Porrada da direita

É tudo flagrante

Novas e velhas notícias

Mentiras verdadeiras

Verdades fictícias

Polícia prende o bandido

Bandido volta pra pista

Bandido mata polícia

Polícia mata o surfista

O sangue foi do Ricardo

Podia ser do Medina

Podia ser do seu filho

Jogando bola na esquina

Morreu mais uma menina

Que falta de sorte

Não traficava cocaína

E recebeu pena de morte!

Mais uma bala perdida

Paciência!

Pra ela ninguém fez

Nenhum pedido de clemência

Chega!

Que mundo é esse?

Eu me pergunto!

Chega!

Quero sorrir, mudar de assunto!

Falar de coisa boa

Mas na minha alma ecoa

Agora um grito

E eu acredito que você vai gritar junto!

Chega!

Vida de gado, resignado

Chega!

Vida de escravo, de condenado

A corda no pescoço

Do patrão e do empregado

Quem trabalha honestamente

Tá sempre sendo roubado

Chega!

Água que falta, mágoa que sobra

Chega!

Bando de rato, ninho de cobra

Chega!

Obras de milhões de reais

E milhões de pacientes

Sem lugar nos hospitais

Chega!

Falta comida, sobra pimenta

Chega!

Repressão que não me representa

Chega!

Porrada pra quem ama esse país

E bilhões desviado

Debaixo do meu nariz

Chega!

Contas, taxas, impostos, cobranças

Chega!

Tudo aumenta, menos a esperança

Multas e pedágios

Para o cidadão normal

E perdão para empresas

Que cometem crime ambiental

Chega!

Um para o crack, dois para cachaça

Chega!

Pânico, morte, dor e desgraça

Chega!

Lei do mais forte

Lei da mordança

Desce até o chão na alienação da massa

Eu vou

Levanta o copo e vamos beber!

E vou

Levanta o copo e vamos beber!

Eu vou

Levanta o copo e vamos beber!

Democracia
Que democracia é essa?
O meu direito acaba onde começa o seu
Mas onde o meu começa?
Os fazem a ratoeira e a gente cai
Cada centavos dos bilhões
É da carteira aqui que sai
E a gente paga juros
Paga entrada e prestação
Paga a conta pela falta de saúde e educação
Para caro pela água, pelo gás, pela luz
Pela paz, pelo crime
Por Alá, por Jesus
Paga imposto, taxa
Aumento do transporte
Paga crise na Europa
E na América do Norte
Os assassinos na FEBEM
O trabalho infantil na China
Empresas e os partidos
Envolvidos em propinas
Chega!
Que mundo é esse?
Eu me pergunto!
Chega!
Quero sorrir, mudar de assunto!
Falar de coisa boa
Mas na minha alma ecoa
Agora um grito
E eu acredito que você vai gritar junto!
Chega!
Vida de gado, resignado
Chega!
Vida de escravo, de condenado
A corda no pescoço
Do patrão e do empregado
Quem trabalha honestamente
Tá sempre sendo roubado
Presidente, deputados
Senadores, prefeitos
Governadores, secretários
Vereadores, juízes
Procuradores, promotores
Delegados, inspetores, diretores
Um recado pra senhoras e os senhores
Eu pago por tudo isso
Imposto sobre serviço
A taxa sobre produto
Eu pago no meu tributo
Pago pra andar na rua

Pago pra entrar em casa
Pago pra não entrar no SPC e no SERASA
Pago estacionamento
Taxa de licenciamento
Taxa de funcionamento
Liberação e alvará
Passagem, bagagem
A pesagem, postagem
Imposto sobre importação e exportação
IPTU E IPVA
O IR, o FGTS, o INSS
O IOF, o IPI, o PIS, o COFINS e o PASEP
A construção do estádio
O operário e o cimento
Eu pago o caveirão
A gasolina e o armamento
A comida do presídio
O colchão incendiado
Eu pago o subsídio absurdo dos deputados
A esmola dos professores
A escola sucateada
O pão de cada merenda
Eu pago o chão da estrada
A compra de cada poste
Eu pago a urna eletrônica
E cada árvore morta
Na nossa Selva Amazônica
Eu pago a conta do SUS
E cada medicamento
A maca que leva os mortos
Na falta de atendimento
Paguei ontem
Pago hoje
E amanhã vou pagar
Me respeita!
Eu sou o dono desse lugar
Chega!

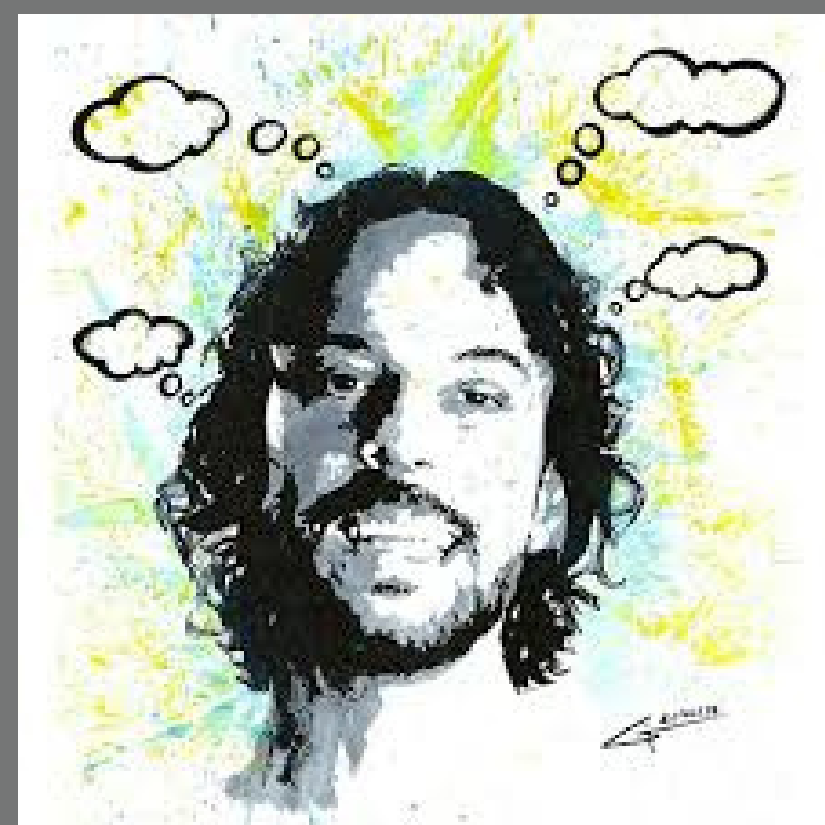


Imagem: Gabriel O Pensador

Análise por: Lucas Maroca de Avelar Viana

A música foi escolhida por diversos fatores, entre eles sua atualidade, a música, oficialmente lançada em 2016, critica entre diversas coisas o volume de tributos e taxas a serem pagas pelos brasileiros, sendo os recursos obtidos com tais pagamentos, na maioria das vezes, mal aproveitados já que não revertem em benefícios para o povo brasileiro e sim, são utilizados para pagamentos de altos salários a políticos.

No seu artigo 3º o Código Tributário Nacional estabelece que, “Tributo é toda prestação pecuniária compulsória, em moeda ou cujo valor nela se possa exprimir, que não constitua sanção de ato ilícito, instituída em lei e cobrada mediante atividade administrativa plenamente vinculada”.

Neste raciocínio, os tributos são uma das formas de renda do estado, pagos pela população por meio de taxas e impostos chamados de tributos. Considerando que é dever do estado brasileiro, previsto na constituição, prover bens e serviços como saúde, educação e outros, o Estado não cumpre o seu papel governamental, levando em conta a má utilização dos impostos pagos. Isso porque, ainda que sejam cobradas taxas muitas vezes injustas, alguns serviços públicos permanecem em condições insustentáveis, como hospitais que frequentemente têm atendimento escasso ou escolas públicas que não dispõem dos recursos que deveriam, tendo falta de material e às vezes até de alimento. Isso é criticado na música quando o autor diz “(...)Obras de milhões de reais e milhões de pacientes sem lugar nos hospitais(...)” e “(...)Eu pago o subsídio absurdo dos deputados, a esmola dos professores, a escola sucateada, o pão de cada merenda(...)”, nas quais o autor referencia os frequentes esquemas de corrupção do país, nos quais integrantes do governo desviam verba direcionada a instituições públicas.

A obra baseia-se na injustiça das cobranças de tributos no Brasil, a qual abre diversas brechas para esquemas de desvios de verba, principalmente pela corrupção enraizada no nosso sistema político. A política brasileira se resume a parcerias e trocas de favores, pois alguém que ocupa um cargo político ainda que de alto escalão, tem que ter seus projetos aprovados por uma câmara normalmente vendida e muitas vezes de ideologias opostas ao governante em si. Isso fomenta a desonestidade e a troca de favores na política, pois um governante não possui liberdade para governar e pode facilmente se tornar impotente diante de uma câmara oposta.

A música de Gabriel o Pensador deixa claro que os impostos pagos pelo povo brasileiro são mal aproveitados e critica o fato de que ainda que tudo nesse país seja financiado pelo povo, o mesmo continua sendo passado para trás diariamente por um sistema corrupto, o qual incentiva a desonestidade e limita o potencial da nação como um todo.

Referências

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil de 5 de outubro de 1988**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm>. Acesso em: 4 nov. 2020.

_____. Decreto-Lei Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848compilado.htm. Acessado em: 02/12/2020.

_____. LEI Nº 12.711, de 29 de agosto de 2012. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2011-2014/2012/Lei/L12711.htm> Acesso em: 01/12/2020.

_____. LEI Nº 12.990, de 9 de junho de 2014. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L12990.htm>. Acesso em: 01/12/2020.

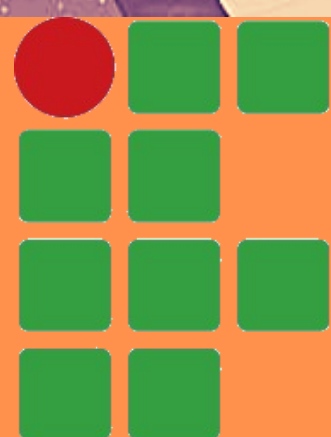
OLIVEIRA, Cristiane. Povos Indígenas: conheça os direitos previstos na Constituição. **Agência Brasil**. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2017-04/povos-indigenas-conheca-os-direitos-previstos-na-constituicao>>. Acessado em: 02/12/2020.

LOPES, Mônica Sette. O ensino jurídico nas ondas do rádio. **Rev. Fac. Direito UFMG**, Belo Horizonte, n. 52, p. 261-278, jan./jun. 2008. Disponível em: <<https://revista.direito.ufmg.br/index.php/revista/article/viewFile/71/67>>. Acesso em: 15 out.2020.

PORFÍRIO, Francisco. "Cotas raciais"; **Brasil Escola**. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/educacao/sistema-cotas-racial.htm>> Acesso em dez. 2020.

REALE, Miguel. **Lições Preliminares de Direito**. 27. ed. São Paulo: Saraiva, 2009.

SERETTE, Caio Flávio. **Noções de Direito**. 3. ed. São Paulo: Textonovo, 2009.



INSTITUTO FEDERAL

Minas Gerais

Campus Avançado Ponte Nova